

# 2012

## EM DEBATE

### OPINIÃO PÚBLICA E CONJUNTURA POLÍTICA

Um periódico do grupo de pesquisa Opinião Pública,  
Marketing Político e Comportamento Eleitoral

Ano 4 - N.03  
Junho de 2012  
ISSN: 2176 - 4883



#### DOSSIÊ

#### ELEIÇÕES: COMPORTAMENTO, PARTICIPAÇÃO E VOTO NA AMÉRICA LATINA

Miguel Carreras  
Néstor Castañeda-Angarita  
Manuela de Souza Pereira  
Eugenia Gómez Castañeda  
Luciana Fernandes Veiga  
Yadira Pacheco Avilez

#### Opinião

Vincent Furlan  
Aline Burni

#### Organizadoras:

Sandra Avi dos Santos  
Camila Tribess  
Lorena Granja

#### Resenha

Helga do Nascimento de Almeida  
Mariana Aparecida Dias

Periódico Eletrônico do Grupo de  
Pesquisa "Opinião Pública, Marketing  
Político e comportamento Eleitoral"



Universidade Federal de Minas Gerais

Avenida Presidente Antonio Carlos, 6627  
Campus Pampulha CEP: 31.270-901  
Belo Horizonte - MG - Brasil  
Tel: (31) 3409-3823

# RECURSOS DOS ELEITORES E PARTICIPAÇÃO ELEITORAL NA AMÉRICA LATINA

*Voters' Resources and Electoral Participation in Latin America*

Miguel Carreras

*University of Pittsburgh*

✉ carreras\_miguel@hotmail.com

Néstor Castañeda-Angarita

*University of Pittsburgh*

✉ nccastaneda@gmail.com

**Resumo:** Estudos anteriores de participação eleitoral na América Latina são focados nos fatores políticos e institucionais que influenciam as diferenças entre os países no nível agregado de comparecimento às urnas. Este artigo apresenta um exame teórico e empírico do nível individual e de fatores socioeconômicos que têm um impacto sobre os cidadãos na propensão a votar. Avaliamos a relevância dos recursos dos eleitores para explicar a participação eleitoral na América Latina. Demonstramos que as características demográficas dos eleitores (idade e educação) são fortes preditores de participação eleitoral na América Latina. Nossa análise revela que as características objetivas individuais dos eleitores explicam muito mais do que motivações individuais subjetivas e redes de mobilização.

**Palavras-chaves:** participação eleitoral; impacto; recursos; características demográficas.

**Abstract:** Previous studies of electoral participation in Latin America have focused on the political and institutional factors that influence country differences in the aggregate level of turnout. This paper provides a theoretical and empirical examination of the individual-level socio-economic factors that have an impact on citizens' propensity to vote. We assess the relevance of voters' resources to explain electoral participation in Latin America. We demonstrate that the demographic characteristics of voters (age and education) are strong predictors of electoral participation in Latin America. Our analysis reveals that the individual objective characteristics of the voters explain much more than individual subjective motivations and mobilization networks.

**Key words:** electoral participation; impact; resources; demographic characteristics.

## Introdução

Quem vota na América Latina? Após 30 anos de regime democrático ininterrupto na maioria dos países latino-americanos, ainda sabemos muito pouco sobre os fatores que afetam a propensão dos indivíduos para votar. Essa questão tem implicações normativas importantes para a cidadania democrática. Teóricos da democracia têm repetidamente argumentado que a participação política tem uma influência positiva sobre os cidadãos, pois leva a escolhas esclarecidas na arena política e ao aumento do civismo. Pessoas ativas politicamente tendem a ser mais desenvolvidas – intelectualmente, praticamente e moralmente – do que pessoas passivas (PATEMAN, 1976; PITKIN, SHUMER, 1982). Estudos anteriores demonstraram que uma série de fatores institucionais e contextuais tem um impacto positivo na taxa de participação (FORNOS, POWER, GARAND, 2004; PÉREZ-LIÑÁN, 2001). A participação eleitoral aumenta quando procedimentos de registro são eficientes, quando o voto é obrigatório e sanções em caso de abstenção são aplicadas, e quando as eleições legislativas e presidenciais são realizadas simultaneamente. A sabedoria convencional diz que fatores socioeconômicos não estão relacionados com a participação na região (FORNOS *et al.*, 2004). Os estudos de participação no nível subnacional têm encontrado provas inconsistentes para o impacto de variáveis como a alfabetização, riqueza e idade da população na participação eleitoral. Esses resultados nulos e inconsistentes podem estar relacionados com os problemas ecológicos que resultam da análise agregada dos níveis de comparecimento às urnas.

Neste *paper*, nós reavaliamos a relação entre características sociodemográficas e o comparecimento a nível individual com dados de pesquisas recentes de 18 países latino-americanos.

### **Teoria: Recursos e a capacidade dos eleitores**

Verba *et al* (1995) argumentam que o voto é uma única forma de engajamento político que é menos exigente em recursos do que trabalhar em campanhas, escrevendo cartas a funcionários do governo, ou doar dinheiro para as atividades de partidos. Apesar do voto exigir menos tempo e dinheiro do que outras atividades políticas, os cidadãos ainda precisam de um mínimo de competências e recursos para compreender o que está em jogo e para ter interesse no resultado da eleição.

O modelo do *status socioeconômico* (SES) de participação dos eleitores tem mostrado consistentemente que renda e educação estão associados positivamente com a participação eleitoral a nível individual. Indivíduos com maior nível socioeconômico são mais susceptíveis de participar que os cidadãos mais pobres e menos escolarizados (LEIGHLEY, NAGLER, 1992; VERBA, NIE, KIM, 1978; WOLFINGER, ROSENSTONE, 1980). Esses estudos sugerem que os cidadãos com maior SES tendem a ter mais tempo livre para participar de atividades políticas e estão melhor informados. Indivíduos com maior escolaridade também são mais propensos a compreender as questões em jogo nas eleições e tornarem-se politicamente interessados (BRADY, VERBA, SCHLOZMAN, 1995). Esperamos então que a probabilidade de voto aumente quando aumenta o nível de educação.

Controlando pelo nível de educação, o nível de renda deve ser menos relacionado diretamente à participação eleitoral, porque votar exige um mínimo de recursos monetários. Ainda assim, ir para o local da votação pode exigir que os cidadãos tomem algum tipo de transporte público. Mesmo esses gastos mínimos podem ser proibitivos para os eleitores mais pobres, especialmente se eles não estão registrados para votar no lugar onde vivem. Por isso, esperamos uma diferença na probabilidade de voto entre os eleitores mais pobres e o resto

da população, mas não esperamos uma relação linear entre renda e participação.

Outro recurso individual essencial é *experiência política*. Muitos estudos demonstram que os cidadãos mais velhos tendem a votar mais do que seus colegas mais jovens. Pesquisas anteriores já haviam encontrado um forte apoio para essa relação no nível individual, tanto em países desenvolvidos (LEIGHLEY, NAGLER, 1992; WOLFINGER, ROSENSTONE, 1980) e nos países em desenvolvimento (NIEMI, BARKAN, 1987). Na verdade, socialização política leva tempo. Os eleitores jovens podem ficar desorientados pelas diferentes opções eleitorais, preferindo assim não votar. Experiência política é adquirida ao longo do tempo com os cidadãos se deparando com questões políticas concretas (por exemplo, habitação, tributação, saúde, benefícios sociais), discutindo sobre política no local de trabalho ou em suas redes sociais e aprendendo sobre os programas que os diferentes partidos políticos propõem para resolver os problemas que enfrentam. Este processo pode demorar vários anos. Assim, esperamos que os eleitores mais experientes da América Latina (ou seja, os cidadãos mais velhos) tendam a votar mais do que os neófitos políticos (ou seja, os eleitores mais jovens).

### **Dados e estimativas**

Nossa principal variável de interesse é comparecimento eleitoral. Nós usamos uma medida dicotômica dos inquiridos que votaram nas últimas eleições presidenciais: 1 = sim, votou; 0 = não, não votou. Este estudo centra-se no comparecimento relatado ao invés da taxa de participação efectiva, e privilegia relatórios sobre o comportamento passado em detrimento das expectativas sobre as decisões de voto futuras.

As principais variáveis independentes para o nosso estudo são organizadas em três grupos: capacidade, motivação e fatores de rede. O primeiro grupo de variáveis capta a capacidade do voto dos indivíduos. Como mencionamos na seção teórica, tal capacidade é determinada pela quantidade de recursos disponíveis para os potenciais eleitores. Os principais determinantes da capacidade individual de voto são atributos socioeconômicos e demográficos. Os atributos socioeconômicos incluem renda e educação. Os atributos demográficos incluem fatores como sexo e idade. Como variáveis de controle, nós também incluímos uma série de variáveis que medem as motivações dos eleitores e a inserção em redes de mobilização destes eleitores (VERBA *et al.*, 1995). Variáveis de motivação medem o interesse dos indivíduos por questões políticas, a sua capacidade de entender o que está em jogo no processo eleitoral e o grau em que eles confiam no processo eleitoral e no regime democrático. Esse conjunto de variáveis inclui perguntas sobre a satisfação com a democracia, confiança nas eleições, eficácia política, interesse em política, identificação partidária e consciência política. Para controlar o efeito de inserção em redes de recrutamento, medimos a imersão dos entrevistados em diferentes redes de mobilização (associações voluntárias e redes clientelistas). Consideramos também a posição do entrevistado no mercado de trabalho (situação de emprego).

Nós rodamos um modelo de regressão linear (“logística”) para lançar luz sobre o efeito das características sociodemográficas dos eleitores sobre a decisão de voto. O uso de uma regressão linear é adequada, porque a nossa variável de interesse – o comparecimento dos eleitores – é uma variável dicotômica. Nós utilizamos dados do “Barômetro das Américas 2010” para 30,075 entrevistados em 17 países latino-americanos.

## **Resultados**

As conclusões sobre o efeito dos recursos sobre o comportamento individual de voto são reveladores (ver Tabela 1). Indivíduos com maior escolaridade são mais propensos a participar nos processos eleitorais. Na verdade, a probabilidade de indivíduos que irão votar nas eleições presidenciais aumenta significativamente à medida que se tornam mais educados. Nossos resultados também oferecem evidências convincentes em apoio do argumento de que indivíduos mais velhos são mais propensos a votar do que indivíduos mais jovens. O coeficiente para a variável idade é positivo e estatisticamente significativo em todos os modelos apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Determinantes da participação de eleitor na América Latina, Modelo Logístico

	(1) <b>Logístico</b> <i>b/ (se)</i>
<b>RECURSOS</b>	
Renda	0.007 (0.03)
Educação	0.367*** (0.06)
Idade	0.665*** (0.06)
Gênero	-0.233*** (0.06)
<b>MOTIVAÇÕES</b>	
Satisfação com a democracia	0.070 (0.04)
Confiança nas eleições	0.088*** (0.02)
Eficiência Política	-0.004 (0.02)
Interesse em política	0.105** (0.04)
Partidarismo	0.377*** (0.11)
Consciência Política	0.091*** (0.03)
<b>REDES SOCIAIS</b>	
Emprego	0.500*** (0.05)
Frequência em Igrejas	-0.026 (0.03)
Membro de associações	0.136*** (0.04)
Associações clientelistas	0.062 (0.06)
Moradia Urbana/Rural	-0.102 (0.11)
Constante	-2.338*** (0.33)
Entrevistados:	
N indivíduos	22457
N países	17

\* p<0.01, \*\* p<0.05, \*\*\* p<0.001

Fonte: Tabela formulada pelos autores

À primeira vista, todos os modelos da Tabela 1 sugerem que a renda não é um preditor significativo de participação eleitoral na América Latina. Contrariamente às expectativas do modelo SES do comportamento eleitoral, os indivíduos ricos não necessariamente votam mais do que indivíduos mais pobres. No entanto, tentamos uma especificação de modelo diferente, que revelou que a relação entre a riqueza pessoal e participação eleitoral existe, mas não é linear. Rodamos o mesmo modelo apresentado acima, mas desta vez incluindo todas as categorias de renda como variáveis *dummies*, excluindo os valores mais altos e mais baixos de renda, que serviram de categorias de base - (ver Tabela 2).<sup>2</sup>

Tabela 2. Regressão Logística com renda em *dummies*

Nível de renda	Modelo completo com	Modelo completo com
	renda <i>dummies</i>	renda <i>dummies</i>
	(Base tenth decile)	(Base sem renda)
No Income	-0.463** (0.190)	
1st decile	-0.119 (0.164)	0.344*** (0.126)
2nd decile	-0.003 (0.159)	0.460*** (0.124)
3rd decile	-0.027 (0.157)	0.436*** (0.123)
4th decile	0.053 (0.157)	0.516*** (0.124)
5th decile	-0.044 (0.158)	0.420*** (0.127)
6th decile	-0.114 (0.160)	0.350*** (0.132)
7th decile	0.065 (0.167)	0.528*** (0.141)
8th decile	-0.040 (0.177)	0.423*** (0.153)

<sup>2</sup> A Tabela 2 apresenta apenas os coeficientes das variáveis *dummies* de renda na regressão linear (logística) completa com efeitos fixos dos países. Nenhuma das outras variáveis no modelo modificaram de sinal ou nível de significância com a introdução das *dummies* de rendimento. O modelo completo está disponível mediante solicitação.

9th decile	-0.157	0.307*
	(0.189)	(0.168)
10th decile		0.463**
		(0.190)

\*  $p < 0.1$ , \*\*  $p < 0.05$ , \*\*\*  $p < 0.001$

Fonte: Tabela formulada pelos autores

Descobrimos que não há diferença alguma entre as diferentes categorias de renda. No entanto, aqueles que não têm renda nenhuma tendem a votar menos do que todos os outros entrevistados. Em suma, o nível de renda não importa, mas os indivíduos absolutamente carentes votam menos do que o resto da população. Como a pobreza extrema é mais comum em alguns países latino-americanos do que no mundo industrializado, este é um achado interessante que está de acordo com nossa expectativa teórica.

Quanto às variáveis de controle relacionadas à motivação, os nossos resultados sublinham a importância da confiança nas eleições, o interesse na política, partidarismo e conscientização política como preditores significativos do comparecimento às urnas. Todas estas variáveis têm efeitos significativos e positivos sobre a participação eleitoral. Isto é, cidadãos confiantes, interessados, partidários e informados são mais propensos a participar nas eleições. Em contraste, a satisfação com a democracia não tem nenhum efeito sobre a decisão dos indivíduos para votar.

As variáveis de controle relacionadas à inserção em redes de mobilização mostram que os indivíduos que estão empregados e os cidadãos ativamente engajados em associações cívicas são significativamente mais propensos a votar do que os indivíduos desempregados e os indivíduos descomprometidos. Como hipótese, os cidadãos envolvidos em grandes redes sociais são mais propensos a ser engajados politicamente e participar nos processos eleitorais. No entanto, residência urbana não influencia a participação eleitoral.

A fim de estimar com precisão o efeito que as variáveis independentes de interesse têm sobre a probabilidade de voto, foram calculadas as probabilidades previstas de participar nas eleições. A previsão de probabilidade mostra claramente que os dois "recursos" variáveis (idade e escolaridade) se destacam como os melhores preditores da participação eleitoral em nosso modelo. A tabela demonstra que existe um efeito forte da socialização. Idade pode ser considerada como uma prerrogativa para a experiência política. Como esperado a partir da hipótese de socialização, os jovens eleitores (18-24 anos) são muito menos propensos a votar do que o resto da população. A probabilidade prevista de participar nas eleições para as pessoas nesta faixa etária é apenas 66% - o valor mais baixo em toda a Tabela 3. A probabilidade de voto aumenta consideravelmente para os eleitores na faixa etária seguinte (idade 25-34). Os entrevistados nesta faixa etária têm uma probabilidade prevista de voto de 79%. Isto sugere que os eleitores se socializam na política muito rápido através do local de trabalho ou em suas redes sociais. A probabilidade de voto continua a aumentar com a idade, mas a diferença entre as diferentes categorias de idade diminui gradualmente.

Tabela 3. Probabilidades previstas de votação na América Latina (2010)

Valor nas variáveis independentes	Probabilidade prevista
<b>RECURSOS</b>	
Sem educação	.77
Educação primária	.82
Educação Secundária	.86
Educação superior	.89
Idade 18-24	.66
Idade 25-34	.79
Idade 35-49	.88
Idade 50-64	.94
Idade > 64	.97
Partidário	.83

Não partidário	.90
Mulher	.87
Homem	.84
<b>MOTIVAÇÕES</b>	
Baixa confiança nas eleições (1)	.83
Alta confiança nas eleições (7)	.87
Baixa eficácia (1)	.86
Alta eficácia (7)	.85
Baixo interesse político (1)	.84
Alto interesse político (4)	.88
Baixa informação política (1)	.80
Alta informação política (5)	.86
<b>MOBILIZAÇÃO EM REDES SOCIAIS</b>	
Desempregado	.81
Empregado	.88
Não é membro de organizações civis	.83
Membro de 1 organizações civil	.86
Membro de 2 organizações civis	.88
Membro de +3 organizações civis	.90
Rural	.87
Urbano	.85
Nunca exposto ao clientelismo	.85
Às vezes exposto ao clientelismo	.86
Frequentemente exposto ao clientelismo	.87

Fonte: Tabela formulada pelos autores

O segundo indicador mais forte da participação eleitoral na América Latina é a educação. Nossa hipótese é que o comparecimento deve aumentar à medida que aumenta o nível de educação, porque as pessoas educadas são mais propensas a absorver informação política complexa e tornarem-se politicamente interessados. Isto é exatamente o que as probabilidades calculadas revelaram. A probabilidade de votar é apenas 77% dos cidadãos que não receberam qualquer tipo de educação durante a sua vida. A probabilidade

de votar salta para 82% para os eleitores que receberam instrução primária. Para os eleitores que receberam ensino secundário, a probabilidade prevista aumenta ainda mais a 86%. Finalmente, a probabilidade de voto para aqueles que receberam alguma forma de ensino superior é de 89%. Embora a probabilidade de voto continue a aumentar conforme aumenta o nível de educação, as maiores diferenças são entre os indivíduos sem instrução em relação aos com ensino primário, e entre os de educação primária versus os com ensino secundário. Tal como acontece com a variável idade, a educação é também um preditor significativo de participação eleitoral, na grande maioria dos países latino-americanos (14 de 18 países analisados).

Motivações diferentes e variáveis de mobilização também têm um impacto sobre a probabilidade de participar nas eleições, mas o efeito substantivo desses fatores empalidece em comparação com as variáveis "idade" e "educação".

### **Porque os fatores socioeconômicos são tão importantes na América Latina?**

A importância dos recursos dos eleitores para explicar participação na América Latina contrasta com a pouca influência que variáveis como renda e educação têm sobre a participação eleitoral nos países desenvolvidos. Particularmente, a educação é um indicador de participação eleitoral muito fraco em muitos países industrializados (NEVITTE, BLAIS, GIDENGIL, NADEAU, 2009; VERBA *et al.*, 1978). Por que os cidadãos com baixo nível socioeconômico (ou seja, indivíduos com baixa renda e escolaridade) são menos propensos a ir às urnas na América Latina, mas não na maioria dos países industrializados?

Acreditamos que existem três razões principais que explicam esse padrão. Primeiro, o fosso entre aqueles que têm um baixo nível de escolaridade e aqueles que têm um alto nível de educação é mais notável na América Latina do que na maioria dos países industrializados. Como mostramos em nossa análise, os cidadãos que são menos propensos a votar são aqueles que não completaram a educação primária (34,5% dos entrevistados em nossa amostra se encontram nesta situação). Como a maioria dos cidadãos dos países desenvolvidos atravessaram esse limiar mínimo de instrução (a grande maioria dos cidadãos, pelo menos, completaram o ensino primário), faz sentido que o efeito da educação sobre a participação eleitoral seja menos notável.<sup>3</sup> Em segundo lugar, o tamanho do setor informal na economia é muito maior nos países latino-americanos do que nos países desenvolvidos.

De acordo com Schneider (2002), a “economia sombra” representa 41% do PIB nos países latino-americanos, mas apenas 18% do PIB em países da Europa Ocidental. Assim, os indivíduos não qualificados da América Latina são muito mais propensos a trabalhar na economia informal do que suas contrapartes nos países industrializados. As pessoas que trabalham no setor informal têm menos probabilidade de serem envolvidas em redes sociais. Dado que, como revela a nossa própria análise, os cidadãos com baixo capital social são menos susceptíveis de participar nas eleições, a probabilidade de que indivíduos pobres e sem instrução votem é menor nos países latino-americanos do que nos países desenvolvidos. Finalmente, a literatura sugere que os recursos dos eleitores importam menos quando os partidos de esquerda ou movimentos trabalhistas são capazes de mobilizar os indivíduos de menor status (GALLEGO, 2010).

---

<sup>3</sup> De acordo com estatísticas da UNESCO, a taxa média de matrícula no ensino secundário em 2009 foi de 91,5% nos países da OCDE (excluindo o México e Chile), mas apenas 66,9% nos países latino-americanos incluídos nesta análise (dados disponíveis on-line: <http://www.uis.unesco.org>).

Países latino-americanos não tinham precisamente o tipo de partido trabalhista que foram criados na Europa no século XX, para mobilizar o eleitorado da classe trabalhadora (BARTOLINI, 2000). Sistemas partidários latino-americanos têm sido tradicionalmente dominada por “partidos de um apelo multiclasse e pragmatismo ideológico” (DIX, 1989, p.33). Estes partidos *catch-all* não desenvolvem vínculos programáticos com os eleitores ao longo de linhas existentes de clivagens sociais, e são menos eficazes na mobilização de indivíduos com baixo nível socioeconômico. Além disso, na virada neoliberal na década de 1990 os movimentos trabalhistas na região foram consideravelmente enfraquecidos, corroendo assim uma arena de mobilização potencial que poderia incentivar os grupos sociais desfavorecidos a ir às urnas (ROBERTS, 2002). Em suma, uma série de fatores estruturais ajudam a explicar o impacto divergente de recursos dos eleitores sobre a participação eleitoral nas diferentes regiões.

## Conclusões

Neste artigo, analisamos a relevância dos recursos dos eleitores para explicar a participação eleitoral na América Latina. Nós achamos que os mais fortes preditores de comparecimento dos eleitores em todos os nossos modelos são dois recursos individuais (escolaridade e idade - prerrogativa para a experiência política). Nossa análise revela que essas características objectivas dos eleitores explicam muito mais do que suas motivações subjetivas (confiança nas eleições, a eficácia política e interesse na política) e sua inserção em redes de mobilização.

A sabedoria convencional sobre participação na América Latina diz que as instituições importam muito mais do que fatores socioeconômicos. Na análise mais abrangente de participação eleitoral na região até à data, Fornos *et*

al. (2004, p.909) de fato concluem que “as variáveis socioeconômicas, que são propensas a terem fortes efeitos sobre a taxa de participação nas democracias ocidentais, não têm relação com participação dos países latino-americanos.” A presente análise destrói essa tese. Nós demonstramos que os mais fortes preditores de participação da região (educação, idade, situação de emprego) são variáveis socioeconômicas. A renda também interessa, mas o impacto não é linear. A nossa análise revela que os indivíduos em situação de extrema pobreza são menos prováveis ao voto do que o resto da população.

\*Tradução: Camila Tribess (Universidade Federal do Paraná - UFPR)

## Referências

- BARTOLINI, S. *The Political Mobilization of the European Left, 1860-1980: The Class Cleavage*. New York: Cambridge University Press, 2000.
- BRADY, H. E.; VERBA, S.; SCHLOZMAN, K. L. Beyond SES: A Resource Model of Political Participation. *American Political Science Review*, 89(2), 271-294, 1995.
- COX, G. W.; MUNGER, M. C. Closeness, Expenditures, and Turnout in the 1982 US House Elections. *American Political Science Review*, 83(1), 217-231, 1989.
- DIX, R. H. Cleavage Structures and Party Systems in Latin America. *Comparative Politics*, 22(1), 23-37, 1989.
- FORNOS, C. A.; POWER, T. J.; GARAND, J. C. Explaining Voter Turnout in Latin America, 1980 to 2000. *Comparative Political Studies*, 37(8), 909-940, 2004.
- GALLEGO, A. Understanding unequal turnout: Education and voting in comparative perspective. *Electoral Studies*, 29(2), 239-248, 2010.
- GEYS, B. Explaining voter turnout: A review of aggregate-level research. *Electoral Studies*, 25(4), 637-663, 2006.
- GOLDSTEIN, H. *Multilevel Statistical Models*. New York: Oxford University Press, 1995.
- KOSTADINOVA, T.; POWER, T. J. Does Democratization Depress Participation? Voter Turnout in the Latin American and Eastern European Transitional Democracies. *Political Research Quarterly*, 60(3), 363, 2007.
- LEIGHLEY, J. E.; NAGLER, J. Individual and Systemic Influences on Turnout: Who Votes? 1984. *Journal of Politics*, 54(3), 718-740, 1992.

- NEVITTE, N.; BLAIS, A., Gidengil, E., NADEAU, R. Socioeconomic Status and Nonvoting: A Cross-National Comparative Analysis. In H.-D. Klingemann (Ed.), *The Comparative Study of Electoral Systems*. New York: Oxford University Press, pp. 109–136, 2009.
- NIEMI, R. G.; BARKAN, J. D. Age and Turnout in New Electorates and Peasant Societies. *American Political Science Review*, 81(2), 583-588, 1987.
- PATEMAN, C. *Participation and Democratic Theory*. New York: Cambridge University Press, 1976.
- PÉREZ-LIÑÁN, A. Neoinstitutional Accounts of Voter Turnout: Moving Beyond Industrial Democracies. *Electoral Studies*, 20(2), 281-297, 2001.
- PITKIN, H. F.; SHUMER, S. M. On Participation. *Democracy*, 2(4), 48-53, 1982.
- ROBERTS, K. M.. Social Inequalities Without Class Cleavages in Latin America's Neoliberal Era. *Studies in Comparative International Development*, 36(4), 3-33, 2002.
- SCHNEIDER, F. *Size and Measurement of the Informal Economy in 110 Countries Around the World*. Paper presented at the Workshop of Australian National Tax Centre, Canberra, Australia, 2002.
- SNIJDERS, T. A.; BOSKER, R. J. *Multilevel analysis: An introduction to basic and advanced multilevel modeling*. London: Sage Publications, 1999.
- VERBA, S.; NIE, N. H. *Participation in America: Political Democracy and Social Equality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1972.
- VERBA, S.; NIE, N. H.; KIM, J.-O. *Participation and Political Equality: A Seven-Nation Comparison*. Chicago: University of Chicago Press, 1978.
- VERBA, S.; SCHLOZMAN, K. L.; BRADY, H. E. *Voice and Equality: Civic Voluntarism in American Politics*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.
- WOLFINGER, R. E.; ROSENSTONE, S. J. *Who Votes?* New Haven: Yale University Press, 1980.